



Trabalho 264

CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E DE SAÚDE DE 1939 E A CRIAÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS DO HOSPITAL SÃO PAULO

CAGNACCI, C.V. (1); ARAÚJO, A.C. (2); SANNA, M.C. (3)

(1) Universidade Federal de São Paulo; (2) Universidade Federal de São Paulo; (3) Universidade Federal de São Paulo

Apresentadora:

CAROLINA VIEIRA CAGNACCI (para_carol@yahoo.com.br)

UNIFESP (Pós-graduando)

Introdução: A Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP) foi criada em 1939, como resultado da aliança entre a Escola Paulista de Medicina (EPM), a Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria e a Arquidiocese de São Paulo, representada pelo arcebispo Dom José Gaspar de Affonseca e Silva. Em 24 de março de 1942, foi equiparada à Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), tida como escola padrão pelo decreto n. 9101/31. A idealização do curso de Enfermagem da EEHSP surgiu a partir da construção do Hospital São Paulo (HSP) em 1936, que foi criado para atender parcialmente à demanda assistencial paulistana e de ensino e pesquisa dos acadêmicos e professores da EPM, cabendo indagar qual a conformação social e epidemiológica da cidade de São Paulo época. Objetivo: Caracterizar o contexto histórico-social do momento de criação do curso de Enfermagem da EEHSP e as condições de saúde da cidade de São Paulo em 1939. Descrição Metodológica: estudo histórico documental, realizado junto ao acervo da Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) da UNIFESP. As fontes secundárias corresponderam à literatura científica sobre o tema. A PROGRAD possui acervo de documentos referentes à criação do curso constituído de livros-atas de reuniões, recortes do Diário Oficial da União, livro de diplomas e currículos praticados no curso, desde a sua criação. Os documentos utilizados foram o Histórico da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo 1939-47 e recorte do Diário Oficial da União datado de 24/03/1942, com o decreto n. 9101/31, que equiparou a EEHSP à EEAN, que se encontra dentro do Livro de Inspeção Federal de 1942. Após a devida autorização para acesso a essas fontes, os documentos foram fotografados e armazenados em arquivo digital. A análise dos documentos pautou-se pela observação documental, procedendo-se à exploração por meio de repetida leitura, seguida de organização da informação e análise crítica de seu conteúdo e contexto em que foi produzido(1). Os achados foram, então, cotejados com a literatura científica sobre o tema. Resultados: A criação da EEHSP deu-se com certa dificuldade, pois já havia a intenção do Governo Estadual em constituir uma Escola de Enfermagem, o que resultou na criação da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (EEUSP). Essa intenção foi evidenciada no fato de ambas as escolas terem sido equiparadas no mesmo ano e decreto, ainda que a EEHSP tenha sido criada três anos antes da EEUSP(2). Diante dessa conjuntura, foi necessário que os dirigentes da EPM realizassem novas alianças que não com o governo estadual, aproximando-se, então, do Governo Getúlio Vargas e da Igreja Católica - detentora de grande poder em relação à educação e com experiência em Enfermagem - para a criação do novo curso da EPM. Isso se deu com a contratação do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria, mediada pelo arcebispo paulistano, a fim de garantirem as necessidades do hospital. Em contraponto à criação de escolas de enfermagem religiosas, lembre-se que a criação da EEAN aconteceu fora da esfera de influência da Igreja Católica e provavelmente representou uma ameaça ao poder e prestígio das ordens religiosas. O retorno desse poderio foi percebido na década de 1930, quando escolas de Enfermagem voltaram a ser criadas nos ditames religiosos, exemplo disso foi a criação da Escola de Enfermeiras Carlos Chagas, vinculada ao Hospital São Vicente de Paula, em Belo Horizonte (1933); a EEHSP (1939); e a Escola Luiza de Marillac, fundada pela Ordem de São Vicente de Paula, no Rio de Janeiro (1939). Para firmar essa aliança, Getúlio Vargas assinou o decreto n. 22.257 de 26/12/1932 que conferia, às irmãs da caridade, direitos iguais aos das enfermeiras de Saúde Pública(3). Houve influência desse ideário na definição do perfil das enfermeiras a serem formadas pela EEHSP, gerando certa dificuldade em angariar candidatas que se dispusessem a exercer a Enfermagem pela prática da caridade, ao invés de balizar suas ações no conhecimento científico e como prática profissional. Esse pensamento objetivava atender às intenções



30 DE AGOSTO A 01 DE SETEMBRO DE 2012
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA - UNAMA - CAMPUS BR
BELÉM (PA)

13º SENADEN
SEMINÁRIO NACIONAL DE DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM



Trabalho 264

dos dirigentes da EPE, que pretendiam formar enfermeiras com "inclinação para a profissão", primando pelo rigor moral e subserviência, colocados acima do conhecimento científico, e mantendo-se fieis à instituição mesmo depois de formadas(2). As docentes religiosas trabalhavam gratuitamente, como informa o Relatório Final do Livro de Inspeção de 1942, e lecionavam disciplinas diretamente ligadas à prática de Enfermagem, enquanto os professores médicos da EPM, as disciplinas ligadas às cadeiras básicas. A cidade de São Paulo apresentava, no início do século XX, taxas de mortalidade ocasionadas principalmente por doenças infecciosas em aproximadamente 45% dos óbitos. Até 1940, a expectativa de vida ao nascer dos paulistanos era, em média, 45 anos; após essa década, houve declínio significativo da mortalidade. Tais ganhos se deveram principalmente à adoção de medidas na saúde pública e saneamento básico, além da introdução de tratamento a base de antibióticos, que tiveram impacto positivo sobre as condições de saúde da população. A redução da incidência de doenças transmissíveis proporcionada por essas medidas foi responsável por declínio da mortalidade infantil, refletindo-se diretamente na esperança de vida ao nascer, que, em 1960, passou a ser, em média, de 62 anos. Além disso, nessa década, apenas três, entre as dez principais causas de óbito, eram doenças infecciosas(5). Conclusão/contribuições: A criação da EPM, HSP e EEHSP veio atender à expansão urbana, ao ideário progressista paulistano e à visão de seus primeiros diretores, provendo a formação de mão de obra qualificada para servir aos paulistanos, através do HSP, e também ao ensino médico da EPM. Assim, concluiu-se que a EEHSP foi criada para contribuir para a formação de profissionais que atuaram na redução da morbidade e mortalidade paulistanas observada no final da primeira metade do século XX. Implicação para a Enfermagem ? O estudo da criação de uma escola de Enfermagem que até hoje forma enfermeiros que contribuem significativamente para a melhora das condições de saúde da população fortalece a identidade da profissão. Descritores: História de Enfermagem; Escolas de Enfermagem. Eixo temático: Articulação entre formação de Enfermagem, necessidades sociais em saúde e mercado de trabalho. Referências: 1. Arostegui, J. Pesquisa Histórica: teoria/método. Bauru: EDUSC, 2006. 2. Silva MRB. Estratégias da Ciência: A História da EPM (1933-1956). São Paulo: EDUSF; 2003. 3. Baptista, SS; Barreira, IA. Condições de surgimento das Escolas de Enfermagem Brasileiras (1890-1960). Revista Alternativa de Enfermagem. 1997 maio; 1(2): 4-16. 4. Silva M.R.G.; Gallian, D.M.C. A EEHSP e seu primeiro currículo (1939-1942). Rev. Bras. Enferm, Brasília 2009 mar-abril; 62(2): 317-22. 5. Silva, FS. Tendências e projeção da mortalidade do município de São Paulo ? 1920 a 2100. Belo Horizonte, MG. UFMG/Cedeplar. 2009.